

Tradição Oral

A tradição oral em Niketche: Movimentos e ritmos vitais na dança do amor

Por André Sampaio

*Mestrando em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
pela Universidade Federal Fluminense*

E-mail: andresampaio2000@yahoo.com.br

O meu amor. Tem um jeito manso que é só seu. De me fazer rodeios
De me beijar os seios. Me beijar o ventre. E me deixar em brasa.
Desfruta do meu corpo. Como se o meu corpo fosse a sua casa.
Chico Buarque

Quando nos propomos a dar um grande mergulho nas literaturas africanas de língua portuguesa nos deparamos quase sempre com tesouros da escrita literária, ora com um autor, ora com outro. Uma escrita que tende a ser parecida com a brasileira por sua língua comum e até mesmo por ser forjada também nos alicerces de uma reconstrução cultural pautada sob o signo do pós-independência. Porém, mesmo com essas características comuns, a escrita africana de língua portuguesa acaba por mostrar realidades bem diferentes das que vivemos e conhecemos por aqui. Paulina Chiziane, com seu romance *Niketche, uma história de poligamia* representa um desses belos exemplos de escrita, pois através de elementos culturais específicos apresenta a riqueza encontrada em Moçambique e nos leva por caminhos ainda pouco explorados e percorridos.

O romance que chega para desmistificar as relações sociais tão impregnadas nas sociedades colonizadas por Portugal, como Moçambique. País dividido entre

práticas tradicionais e práticas herdadas da colônia portuguesa. Rico em descrições, o romance nos traz sensações quase reais, onde os cheiros, as cores, os ambientes e os sentimentos das personagens são relatados de forma concreta e apresentados sem exageros, chegando a uma fórmula perfeita que leva o leitor a fundo no perfil complexo das personagens. Por isso a leitura oferece uma viagem através da voz de uma mulher ao seio do íntimo feminino, numa sociedade onde o grande portador da voz é sempre o homem. Em *Niketche* o universo das mulheres ganha cores mais específicas, deixando de ser um mero elemento figurativo, dando lugar ao olhar diferenciado feminino.

Niketche, uma história de poligamia tem como narradora e protagonista Rami, uma mulher que vive sob o signo da infidelidade de seu marido. Uma moçambicana que pensa e age sobre a condição de mulher negra, à margem da sociedade, da família e do casamento. Rami busca seu verdadeiro lugar, refletindo sobre o seu próprio eu, buscando o melhor caminho para lidar com a colisão dos opostos mulher/homem, esposa/amante, monogamia/poligamia, tradição/ruptura, numa dança da existência, na solidão do seu íntimo, cometendo erros e acertos na busca incessante da sua própria identidade. Rami é o reflexo da verdade, do amor, do anti-amor, da vitória, da conquista, da vingança, da incerteza, do paradoxo, do medo, da submissão e da ruptura.

Já Tony, marido de Rami representa a unidade nacional, o homem, o patriarca, a força, a violência e o controle. O suposto protetor da tradição colonial.

Julieta, Luísa, Saly, Mauá, Eva, Gaby e Saluá, são mulheres sem rosto, com pouca definição, fragmentos de uma mesma mulher. Amantes de Tony e no decorrer do romance aliadas de Rami. Metade do norte, metade do sul de Moçambique. Mulheres em situação similar, mas com comportamentos culturais distintos.

Vito é o amante dividido. Luísa o empresta a Rami para acabar com as suas carências de mulher. Vito é apaixonado por Luísa e vê em Rami a esposa perfeita, porém apagada pela falta de afeto e atenção. Vito representa uma das grandes rupturas vivida por Rami, o adultério.

Levy, o irmão de Tony, herdeiro de uma noite com Rami, depois da suposta morte de Tony. De acordo com a tradição a esposa depois da morte do marido é oferecida ao irmão do esposo. Como prática tradicional de finalização do luto. Levy é a chave de vingança que Rami utiliza para mostrar a Tony o próprio gosto da obediência imposta pela tradição.

Com o passar dos tempos a literatura se modificou, se modernizou obedecendo aos conceitos e transformações arraigadas pelos processos ocorridos nos estilos, gêneros e maneiras de se ver a literatura como um todo. A literatura moderna possui elementos específicos dela, como já vimos através de grandes autores, como Benjamin, por exemplo. Uma dessas transformações foi o papel do narrador dentro das narrativas; com o passar do tempo esse narrador foi se calando, dando lugar a outros elementos inerentes a obra. Porém hoje há um ressurgimento desse narrador participante. Aquele que pega a mão do leitor e o leva para os caminhos da estória, indicando o melhor trajeto a ser seguido. Paulina Chiziane através de Rami, a narradora da obra, estabelece um reencontro ao contar de estórias. A voz de Rami é o pano de fundo de toda a trama e assim no final do romance, o leitor tem a deliciosa sensação de voltar no tempo, onde a experiência possuía grande importância, onde o ouvir era mais valioso do que o falar. Paulina Chiziane revisita essa atmosfera tradicional do contar de estórias, mesmo que através de denúncias sociais, seu leitor não deixa de experimentar essa prática deixada de lado com o tempo. Por ser africana e fazer parte de uma sociedade onde ainda a experiência tem seu valor Paulina Chiziane coloca em foco essa tradição, passar conhecimento através do tempo, onde o mais velho tem sempre uma boa estória para contar:

“Eu sou aquela que tem o um espelho como companhia no quarto frio. Que sonha o que não há. Que tenta segurar o tempo e o vento. Só tenho o passado para sorrir e o presente para chorar. Não sirvo pra nada . as pessoas olham pra mim como uma mulher falhada. Que futuro espero eu? O marido torna-se turista dentro da própria casa. As mudanças correm rápidas neste lar. As mulheres aumentam. Os filhos nascem (...)”(CHIZIANE, 2004. p. 65)

Em *Niketche* o espaço é definido por Moçambique, norte e sul do país delimitam acontecimentos, realidades, costumes e até mesmo elementos físicos das personagens. O norte e sul estabelecem a fronteira entre a tradição e ruptura de costumes locais tradicionais. De um o catolicismo colonial, do outro, elementos islâmicos entrelaçados com cultos ancestrais. E assim até o vestuário, a alimentação, o comportamento, a posição dentro do social diante do local, se modificam.

Como percebemos, o gênero é uma questão fortemente discutida no romance, pois Rami, a protagonista não aceita sua vida, refletindo, indagando sempre sobre sua condição mulher. Questões como o casamento, a divisão do trabalho, o espaço da mulher dentro da sociedade, o poder masculino sob a fragilidade feminina são

intensamente debatidos pela voz de Rami e pelas vozes das outras esposas de Tony. Nesse sentido, podemos até dizer que a própria Paulina Chiziane traz essa discussão no seu romance com o intuito de estabelecer uma reflexão da sua própria trajetória dentro e fora do círculo literário, antes disso do seu próprio lugar dentro da sociedade moçambicana, que em grande parte é de poderio patriarcal.

Moçambique, como o Brasil, é um país que abarca várias religiões num sistema constante de transformações. Diante disso encontramos lá o catolicismo, o islamismo, o protestantismo e os cultos ancestrais tradicionais, variando a intensidade de acordo com a região. Esse tipo de relação com o religioso se dá pelo fato da grande mistura cultural encontrada em Moçambique, mudanças ocorridas através da história, de processos sociais e de diálogos entre manifestações de diversas crenças.

Moçambique foi colônia de Portugal até 1975, sua estrutura está intrinsecamente ligada aos costumes portugueses. Após a independência a nação moçambicana começou um processo de reintegração e de busca de uma identidade nacional, mesmo sendo um processo que pode ou não gerar um resultado satisfatório. A busca existe, porém as heranças coloniais estão em toda parte, começando pela própria língua falada em território nacional: o português.

Todo país que passa por um processo de independência tem na sua base a resistência. Num confronto entre a tradição e a modernidade, numa luta por liberdade, pela busca de uma identidade. Moçambique, como outros países africanos que foram colônia de Portugal, resistiu e tentou proteger a todo custo uma identidade não modificada por inteira pela própria colônia. Porém mudanças nesse tipo de domínio são inevitáveis. Contudo pela força do desejo de liberdade, sociedades como a moçambicana conseguiram manter vivas práticas e elementos originais que nem o tempo nem o domínio do outro conseguiram apagar. Num ato de pura resistência e preocupação com o futuro Moçambique é um território onde a resistência começa nos limites onde a voz pode chegar.

O romance é uma contação de estória, com movimentos retilíneos, numa composição bem tradicional com início, meio e fim. Como as antigas estórias já canonizadas pela tradição, *Niketché* oferece aos seus leitores o doce navegar que a literatura pode oferecer. Movimentos vêm e vão com o passar do tempo, transformações são inevitáveis com a chegada da modernidade. Contudo, o mergulho que se dá ao mundo de Rami através do romance de Paulina Chiziane, garante o estar novamente nas belas margens do oral poetizado.

Uma característica comum na literatura africana de língua portuguesa é trazer o entre lugar, o falar por uma nova perspectiva. Paulina Chiziane é um belo exemplo dessa escrita que possui o olhar de quem está na terceira margem. O definir o que é permanecer o tempo todo numa fronteira, onde o discurso nunca é estático, imutável. E o rio representa em *Niketche* esse entre lugar, pois as águas nunca param de rolar.

“A minha vida é um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi e nem sei se alguma vez tive uma. Sou um ser perdido encerrado na solidão mortal.”(CHIZIANE, 2004. p. 18)

“Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio. Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para o meu leito, hoje quero existir.” (CHIZIANE, 2004. p. 19)

A dança no romance vem para mostrar a sensualidade, o erotismo ocultado por tanto tempo num discurso feminino. A dança acaba sendo uma forma de metáfora da existência de Rami, que busca incansavelmente o prazer de estar viva. Niketche, a dança do amor é o mecanismo responsável pela ligação entre passado, presente e futuro. Onde o ritmo e os movimentos misturam o tempo, numa grande representação do inteiro, do todo, do reencontro com o passado, da análise do presente e da projeção do futuro. Niketche, a dança do amor representa o “re-estar” em lugares onde somente a memória pode nos levar.

“Niketche, a dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens, desperta a urgência de amar, porque o niketche é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom.”(CHIZIANE, 2004. p. 160)

Quando se analisa um romance como *Niketche, uma história de poligamia*,

onde encontramos personagens tão vivos, cenários tão bem elaborados e uma estória que prende por sua legitimidade, a análise se torna um tanto panorâmica. O pretendido na composição desse texto sobre a obra, foi justamente indicar alguns caminhos que se pode seguir ao mergulhar nesse grande mundo que as literaturas africanas de língua portuguesa podem oferecer. De fato é um território simbólico da vida, pois a cada página lida se tem a sensação de estar constantemente num movimento vital, como o fluir de uma boa respiração. *Niketche* convida o seu leitor para degustar esse território simbólico, onde as sensações não temem em chegar.

Rami conta a sua estória de vida e pelas margens da poligamia abre o caminho para discussões acerca daquilo que ficou impregnado com o passar dos tempos: estruturas, crenças costumes, alicerces sociais. Mas que ao lado de muita resistência e coragem podem alcançar novas e repensadas condições. E para finalizar uma breve fala de Rami, que decifra o grande prazer em adentrar nesse universo de *Niketche*, *uma história de poligamia*:

Esta imagem é a minha certeza, o meu subconsciente,
resgatando ditados e saberes mais escondidos na memória.
(CHIZIANE, 2004. p. 172)

Referências:

BRANDÃO, Luis Alberto. *Espaços Literários e suas expansões*. Aletria: revista de estudos de literatura. V. 15 jan. jun- 2007. p. 207-219.

CHIZIANE, Paulina. *Niketché, uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. "Ser escritora é uma ousadia" Entrevista ao *Maderazindo*. Revista Literária Moçambicana. (<http://www.maderazindo.tropical.co.mz>)

FANON, F. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

FRY, Peter. *Moçambique, ensaios*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2001.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EdUFF/Pallas, 2007.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras Negras Contemporâneas: estudo de narrativas: Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

VALENTIM, Jorge. *Paulina Chiziane: Uma contadora de Histórias no ritmo da (Contra-) Dança*. Revista do Núcleo de Estudos de Literaturas Portuguesa e Africanas da UFF, Vol. 1, nº 1, Agosto de 2008.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz. A literatura Medieval*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

_____. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: Hucitec

Sites:

<http://vagalume.uol.com.br/chico-buarque> Acessado em 25 de outubro de 2008.